

A GUERRA DOS CINCO DIAS

Kornely K. Kakachia

NÃO CONSIGO PREVER A ACÇÃO DA RÚSSIA. É UMA ADIVINHA
EMBRULHADA NUM MISTÉRIO DENTRO DE UM ENIGMA.

Winston Churchill

É comum a dissolução de impérios ser violenta, e a desintegração da antiga União Soviética não foi excepção tendo sido marcada pela violência étnica, especialmente no Sul do Cáucaso. Desde a sua independência, a Geórgia tem sido o país da antiga União Soviética que tem expressado mais abertamente um espírito livre. À medida que se tornam mais claras as ambições da Geórgia de se aproximar da Europa e da comunidade transatlântica, as suas relações com a Rússia têm-se deteriorado.

Desde a «Revolução Rosa», as relações entre a Geórgia e a Rússia permanecem problemáticas, devido ao sistemático apoio político, económico e militar da Rússia aos governos separatistas da Abcásia e da Ossétia do Sul. Nos últimos anos, Moscovo concedeu a cidadania russa à maioria da população daquelas regiões e agiu no sentido de estabelecer estreitos laços económicos e administrativos com as duas repúblicas separatistas, consumando efectivamente a anexação de ambos os territórios. O uso da cidadania russa para criar uma população «protegida» a residir num Estado vizinho para minar a sua soberania é um passo para redesenhar as antigas fronteiras da União Soviética.

O ataque recente da Rússia à Geórgia surgiu na sequência de vários anos de actos provocatórios engendrados em Moscovo para destabilizar a Geórgia. No Verão de 2006, a tensão aumentou entre Tbilissi e Moscovo. O Governo georgiano conduziu uma operação policial para eliminar grupos de crime organizado a operarem na região do Vale do Alto Kodori, na Abcásia, para restaurar o Estado de direito e a autoridade do Governo nessa parte do território soberano. Posteriormente, a Geórgia prendeu vários agentes dos serviços secretos militares da Rússia que acusou de efectuarem bombardeamentos sobre Gori. Moscovo respondeu fechando a única estrada da Rússia de acesso à Geórgia, suspendendo ligações aéreas e postais, impondo embargos contra exportações de vinho georgiano, água mineral e bens agrícolas, e até concentrando pessoas residentes na Rússia (incluindo crianças de escola) com nomes étnicos georgianos com vista à sua deportação¹. Pelo menos dois georgianos morreram durante o processo de deportação².

As provocações da Rússia aumentaram em 2007. Em Março, helicópteros lançaram um assalto combinado com fogo de artilharia contra as instalações administrativas do Governo georgiano no Vale do Alto Kodori, na Abcásia. Em Agosto, caças russos violaram o espaço aéreo georgiano, e lançaram, sem sucesso, um míssil em direcção a uma estação de radar georgiana. Em Setembro, um tenente-coronel e um major russos que comandavam uma unidade na Abcásia foram mortos num confronto na fronteira administrativa abcasí. Outras pequenas escaramuças irromperam periodicamente durante o Outono.

No último ano, Moscovo intensificou a pressão política adoptando uma série de medidas com vista ao estabelecimento de uma relação administrativa tanto com a Ossétia do Sul como com a Abcásia embora tenha levantado alguns dos embargos económicos e de transportes. Em Março de 2008, a Rússia anunciou unilateralmente a retirada das sanções impostas pela Comunidade dos Estados Independentes (CEI) à Abcásia, pondo fim à proibição de assegurar assistência económica e militar directa ao território. No mês seguinte, depois da Cimeira da NATO em Bucareste, onde dirigentes da Aliança declararam que a Geórgia viria um dia a ser membro da Aliança, o Presidente Putin deu instruções para estreitar os laços oficiais entre os ministérios russos e os seus homólogos em ambos os territórios em disputa.

PREPARAÇÃO DE UMA INVASÃO

Existiam indicadores preocupantes de preparação do conflito, sobretudo depois do reforço de tropas russas acima dos seus níveis habituais, de múltiplas violações do espaço aéreo georgiano por aviões russos, do derrube pela Rússia de aparelhos georgianos de vigilância sem piloto e de um exercício militar em larga escala perto da fronteira, que simulava a invasão da Geórgia. Esses exercícios são apenas um elo na cadeia de incidentes sugerindo que a acção militar da Rússia na Geórgia foi planeada com meses de antecedência, aguardando apenas o pretexto apropriado para se concretizar.

A Rússia aumentou a pressão militar à medida que oficiais e pessoal militar russo iam sendo destacados para servir no Governo *de facto* da Ossétia do Sul nos cargos de «primeiro-ministro», «ministro da Defesa» e «ministro da Segurança». A 20 de Abril, a pressão russa tomou um rumo mais sinistro quando um caça russo abateu um aparelho militar georgiano sem piloto no espaço aéreo da Geórgia na Abcásia. A Rússia reforçou a sua presença militar na Abcásia sem consultar o Governo da Geórgia, e em finais de Abril enviou tropas de combate para a Abcásia, como parte da sua força de manutenção da paz. Depois, em Maio, enviou militares de engenharia para aquela região para repararem um troço da via férrea no interior da zona de conflito.

Entretanto, a Geórgia estava a tentar desenvolver um novo roteiro de resolução do conflito e a apelar ao estabelecimento de uma presença policial internacional em ambas as regiões, apoiada pela comunidade internacional. A Geórgia afirmou que, assim que

essa força estivesse pronta, o Governo estaria preparado para apoiar o seu mandato, assinando uma promessa abrangente de não uso da força. No entanto, a Rússia desvalorizou as ofertas georgianas e, em meados de Junho, esteve ausente de uma reunião em Berlim patrocinada pelo Governo alemão apesar da promessa em contrário do Presidente Medvedev.

Ao mesmo tempo, a Rússia iniciou um exercício militar em larga escala – «Kavkaz-2008» – em 11 regiões nas imediações da fronteira georgiana. Aproximadamente oito mil militares participaram no treino, que mobilizou pára-quedistas, a divisão aérea Pskov e a frota do mar Negro. Cerca de setecentos veículos de combate e 20 aviões foram activados e efectuaram inspecções de prontidão. As autoridades russas referiam-se ao exercício como uma operação de contraterrorismo, mas afirmaram também que se destinava a preparar as tropas para operações especiais de manutenção da paz, devido aos últimos desenvolvimentos na região³. A 7 de Agosto, enquanto o Governo da Geórgia estava a tentar negociar com o lado osseta, recebeu relatórios de serviços secretos estrangeiros sobre o movimento de tropas russas em direcção ao túnel de Roki, que liga a Ossétia do Norte à zona de conflito da Ossétia do Sul. As tropas russas começaram então uma ocupação aberta da Geórgia, argumentando que o seu objectivo era proteger os cidadãos russos, dando início ao conflito. Deve ser notado que, de acordo com alguns relatórios, fontes de informação russas informaram a partir de 3 de Agosto que uma guerra tinha começado na Ossétia do Sul⁴. A liderança política e militar russa executou uma operação pré-planeada para alterar, de forma forçada e rápida, o *status quo* na Geórgia.

OS OBJECTIVOS POLÍTICOS DA RÚSSIA E A MÁ UTILIZAÇÃO DO CASO DO KOSOVO

Os objectivos da invasão russa da Geórgia são de longo alcance e incluem:

- 1) a «Mudança de regime», derrubando o Presidente Saakashvili e alternando o regime político na Geórgia para o substituir por uma liderança pró-Rússia;
- 2) a renúncia da Geórgia da sua ambição de integrar a NATO, enviando uma mensagem forte aos outros «satélites» russos sobre as consequências da vontade de aderir à NATO;
- 3) a destruição da economia e infra-estruturas da Geórgia;
- 4) o reconhecimento da soberania da Abcásia e da Ossétia de modo a legalizar uma presença militar russa permanente na Geórgia; e
- 5) o monopólio do fornecimento de energia do mar Cáspio.

Não é segredo que a Rússia está desconfortável com a natureza democrática da Geórgia e os laços estreitos do Ocidente com um país que está na sua «legítima esfera de influência». Ao controlar a Geórgia, a Rússia poderá bloquear os recursos da Ásia Central e do mar Cáspio para isolar o Azerbaijão e os países da Ásia Central e reforçar o seu peso energético na Europa.

Moscovo tinha dois motivos adicionais ao invadir a Geórgia, o menor dos quais era um ajuste de contas por causa do Kosovo. Se o Kosovo podia ser declarado independente com o aval do Ocidente, então a Ossétia do Sul e a Abcásia podiam ser declaradas

MOSCOVO TINHA DOIS MOTIVOS ADICIONAIS
AO INVADIR A GEÓRGIA, O MENOR DOS QUAIS ERA
UM AJUSTE DE CONTAS POR CAUSA DO KOSOVO.

independentes sob patrocínio da Rússia. Quaisquer objecções por parte dos Estados Unidos e da Europa apenas confirmariam a sua hipocrisia. O segundo motivo era bem mais importante⁵. Ao citar o prece-

dente do Kosovo, a Rússia atou-se em nós contraditórios, como foi notado num comentário recente na revista *Economist*: «A Rússia está ela própria a ser incoerente se continuar a insistir em que a independência do Kosovo da Sérvia se mantém ilegal.»⁶ Mas Moscovo está a tentar obter a revogação da decisão relativa ao Kosovo mostrando o absurdo da criação de microestados que podem desintegrar-se ininterruptamente em entidades mais pequenas, o que gera mal-estar e descontentamento tanto entre aliados como entre rivais»⁷.

Vale a pena notar que a Rússia não é sequer capaz de mencionar o extraordinário esforço internacional que esteve no centro do longo caminho percorrido até à independência do Kosovo. Ao contrário deste caso, os russos invadiram a Geórgia com entusiasmo; rejeitaram tentativas de internacionalizar a disputa e reconheceram a independência dos enclaves menos de três semanas após a guerra ter começado. Em defesa da sua campanha na Ossétia do Sul, a Rússia cita as acções do Ocidente no Kosovo e no Iraque. Mas a pretensão da Rússia de estar a «manter a paz» na Ossétia do Sul apoia-se na penetração do seu exército em território indiscutivelmente georgiano.

Mais, o Governo russo não reconheceu ainda a independência do Kosovo, mesmo depois de ter reconhecido a da Abcásia e a da Ossétia do Sul. Talvez outra grande diferença entre o Kosovo e a Ossétia do Sul seja, como afirma Olga Oliker, analista política da RAND: «A campanha do Kosovo foi, fundamentalmente, sobre o Kosovo, o conflito entre a Geórgia e a Rússia não é sobre a Ossétia do Sul. É apenas um pretexto que a Rússia utilizou para demonstrar o seu poder aos vizinhos e ao mundo.»⁸ Em resumo, o Governo russo tem uma política de dois pesos e duas medidas em relação à Geórgia.

DANOS DA GUERRA NA GEÓRGIA

O confronto de cinco dias entre as forças da Rússia e a Geórgia em Agosto provocou sérios danos na economia deste país. Os prejuízos materiais foram inicialmente estimados em cerca de mil milhões de dólares, isto é, cerca de oito por cento da previsão do PIB de 2008. Os danos abrangeram sobretudo os alvos militares – bases, aeródromos militares, sistemas antiaéreos. Não houve danos de monta em alvos civis, incluindo bens industriais e agrícolas, com excepção da fábrica que produzia aviões militares em Tbilissi. A maioria das vias de comunicação permaneceu intacta, embora tenha sido

destruída uma ponte sobre uma via férrea perto de Tbilissi, após o cessar-fogo. Esta interrupção das comunicações ferroviárias entre as zonas oriental e ocidental do país causou problemas não só à Geórgia mas também ao Azerbaijão e à Arménia. O transporte de petróleo e gás do Azerbaijão por comboio e oleoduto foi interrompido, com receio de danos provocados pela actividade militar. A situação agravou-se ainda mais com o aparecimento de dezenas de milhares de deslocados internos e a necessidade de lhes providenciar mantimentos.

Além de terem bombardeado áreas civis, os invasores saquearam e destruíram vários locais históricos, venerados pelos georgianos como monumentos sagrados, e pilares da sua identidade nacional, nomeadamente para a região em torno da Ossétia do Sul. O ministro da Cultura da Geórgia elencou cerca de 500 monumentos e sítios arqueológicos que estão agora sob ocupação russa⁹.

Mas a perda mais dolorosa para a Geórgia foi o dano causado à sua reputação como um país seguro para o investimento externo e um corredor para o transporte de combustível. Logo em Maio, a Standard and Poor baixou as suas previsões na apreciação das garantias bancárias do Governo da Geórgia de «positivo» para «estável», por causa da deterioração das relações com a Rússia e do reforço das forças russas na Abcásia e na Ossétia do Sul. Durante a guerra de Agosto, aquela agência aconselhou os investidores a serem ainda mais cautelosos em relação à Geórgia¹⁰. Em particular, o futuro do projecto europeu do gasoduto Nabucco para abastecer os estados-membros da UE com gás do Azerbaijão e da Ásia Central pode ter sido posto em causa.

A resposta internacional aos problemas na Geórgia no pós-guerra foi rápida. Os Estados Unidos lideraram os esforços de ajuda internacional comprometendo-se com mil milhões de dólares. A Comissão Europeia já prometeu 500 milhões de euros e pediu aos estados-membros para que contribuam com uma quantia semelhante. O Fundo Monetário Internacional (FMI) disponibilizará 750 milhões de dólares ao Banco Central da Geórgia sob a forma de um «Stand-By Arrangement». Até o Banco Asiático de Desenvolvimento contribuiu com 40 milhões de dólares. Um conjunto de reuniões da NATO, da UE e de outras cimeiras diplomáticas está em preparação¹¹. Todos estes esforços e assistência deram visibilidade à Geórgia e ajudaram a restaurar a confiança dos investidores.

No que respeita à segurança da Geórgia, a NATO pôs em marcha uma nova Comissão bilateral semelhante ao organismo criado em 1997 no quadro das relações da NATO com a Ucrânia. Esta comissão vai ajudar a Geórgia a preparar a sua futura adesão, bem como a avaliar os danos da incursão da Rússia e a restabelecer os serviços básicos às comunidades na zona de conflito.

AS PERDAS DA RÚSSIA DEPOIS DA GUERRA

A resposta brutal do Kremlin, com a ocupação de extensas áreas de território georgiano fora da Ossétia do Sul e da Abcásia e o reconhecimento da independência das regiões

separatistas, deixou a Rússia isolada diplomaticamente. A Rússia está a sofrer política e economicamente pela sua intervenção militar na Geórgia. Mesmo que tenha obtido ganhos a curto prazo, Moscovo está agora mais isolada e é menos digna de confiança do que há um ano. Há uma forte oposição internacional às tentativas de Moscovo de redesenhar à força as fronteiras da Europa e, até agora, apenas um país, a Nicarágua, seguiu o Kremlin no reconhecimento das regiões separatistas da Geórgia, o que nas palavras da secretária de Estado Condoleezza Rice «difícilmente pode ser considerado um triunfo diplomático»¹².

A vontade de Moscovo, que quer dividir partes do território dos estados vizinhos, provocou um aumento da desconfiança em relação à Rússia entre esses países pós-soviéticos. É fascinante ver o contraste manifestado nos dias de triunfo militar de Moscovo, entre o silêncio dos seus aliados no espaço ex-soviético e a atitude de desafio dos seus opositores.

A invasão da Geórgia tornou ainda mais complexas as relações internacionais entre os Estados Unidos e a Rússia, uma relação que no futuro assistirá, provavelmente, a um misto de competição, conflito e cooperação. Mais, a Rússia descrita pelo Presidente

A INVASÃO DA GEÓRGIA TORNOU AINDA MAIS COMPLEXAS AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS ENTRE OS ESTADOS UNIDOS E A RÚSSIA, UMA RELAÇÃO QUE NO FUTURO ASSISTIRÁ, PROVAVELMENTE, A UM MISTO DE COMPETIÇÃO, CONFLITO E COOPERAÇÃO.

Dmitri Medvedev durante a sua campanha eleitoral de 2008 – a Rússia que aspira a tornar-se plenamente integrada no sistema internacional e nas suas instituições e que procura usar a sua riqueza energética para diversificar a economia, reconstruir infra-estruturas, e criar um Estado de direito – está em risco. Os mercados financeiros

russos perderam quase um terço do seu valor. Os investidores retiraram do país cerca de 20 mil milhões de dólares, e o rublo depreciou-se em cerca de 10 por cento¹³.

Outra perda da Rússia tem a ver com a tentativa de parar o processo da integração da Geórgia e da Ucrânia na NATO. O resultado da cimeira da NATO em Dezembro de 2008 é difícil de prever e o resultado da reunião de emergência da Aliança a 19 de Agosto foi pouco encorajador para as aspirações da Geórgia, mas é possível que ao procurar uma resposta eficaz ao desafio de Moscovo, os estados-membros da NATO possam abrir uma nova fase do alargamento da Aliança¹⁴. Moscovo mobilizou forças internacionais difíceis de conter. As suas acções cimentaram uma aliança entre os estados bálticos – a Polónia e a Ucrânia – que tem um peso significativo na UE e na NATO. E na Europa Ocidental e na América do Norte, a guerra ajudou muitas pessoas a decidirem-se sobre a natureza do regime no Kremlin¹⁵.

Podemos ainda acrescentar que na parte relevante da resolução adoptada pela Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, a 2 de Outubro, foram denunciadas acções de limpeza étnica nos territórios ocupados da Geórgia. Os parlamentares exprimiriam preocupação com os «relatos credíveis de actos de limpeza étnica cometidos nas aldeias

de etnia georgiana na Ossétia do Sul e na “zona tampão” por milícias irregulares e gangs que as tropas russas não conseguiram parar», lê-se no relatório¹⁶. A Assembleia também exortou a Rússia a revogar o seu reconhecimento da independência da Ossétia do Sul e da Abcásia, e a permitir o acesso a ambos os territórios por parte de inspetores da UE e da Organização de Segurança e Cooperação Europeia (OSCE).

Em termos militares, a Rússia venceu a guerra facilmente, esmagando o Exército georgiano e ocupando territórios. No entanto, a derrota da Rússia na guerra da informação teve custos consideráveis. A sua situação estratégica global declinou, os seus adversários estão mais firmemente unidos, os seus amigos não são já tão amigos e a sua economia sofreu. A vitória militar da Rússia na guerra na Geórgia pode, em última análise, infligir mais danos nos interesses estratégicos da Rússia na região do que a derrota política da Rússia no breve período das «revoluções coloridas».

CONSEQUÊNCIAS DA GUERRA

A invasão da Geórgia provou que Moscovo não conseguiu alcançar os seus objectivos políticos no Cáucaso sem recurso à guerra. A intervenção militar e a demonstração da vontade russa de restabelecer uma esfera de influência puseram em causa as ilusões ocidentais sobre a Rússia¹⁷.

O pretexto de Moscovo de que estava a «intervir» na Geórgia para proteger «cidadãos» russos e a sua «força de manutenção da paz» na Ossétia do Sul era simplesmente falso. O verdadeiro objectivo da operação militar russa era eliminar o Governo democraticamente eleito na Geórgia e redesenhar as fronteiras. A presença de tropas russas junto do porto de Poti, no mar Negro, ainda é mais reveladora dos reais objectivos da Rússia na Ossétia do Sul. No auge do seu ataque à Ossétia do Sul, a Rússia lançou um assalto militar simultâneo, em cooperação com as forças separatistas abcasis contra posições georgianas no Vale do Alto Kodori. Ao fazer isso, a Rússia violou todos os acordos internacionais existentes relativos à Abcásia, incluindo o Acordo de Moscovo de 1994, assim como a letra e o espírito dos documentos do processo UN Friends, designadamente várias resoluções do Conselho de Segurança da ONU.

Em termos estritamente geopolíticos, o reconhecimento russo dos dois territórios pode não mudar muito a situação na Geórgia. A Rússia já controlava quase na totalidade a Ossétia do Sul e a Abcásia e lidava abertamente com os seus autoproclamados presidentes. O reconhecimento de Moscovo da independência da Abcásia e da Ossétia do Sul nada fez para resolver a tarefa de definir o estatuto destes territórios, antes adiou essa resolução. Poucos países vão seguir o reconhecimento da Rússia.

O que realmente mudou depois de 8 de Agosto foi a *ordem mundial*. Após a crise de Agosto, a emergência da Rússia como uma potência imperial, que tenta regressar às táticas da Guerra Fria para intimidar os vizinhos tornou-se um facto inegável. Esta orientação ficou confirmada depois de o Presidente russo Medvedev delinear cinco princípios da política externa da Rússia. As reivindicações russas de uma «privilegiada»

esfera de influência dentro das fronteiras da antiga União Soviética, juntamente com a declaração do direito de intervir em nome dos cidadãos russos fora das suas fronteiras, geraram expressões de confusão, consternação e rejeição na comunidade internacional. Muitos peritos acreditam que esta atitude da Rússia pode levar a uma nova *desordem mundial*.

Após a agressão da Rússia houve alguns resultados importantes e de longo alcance que devem ser tidos em conta pela comunidade internacional. A primeira coisa que está em jogo após o conflito é o princípio fundamental da inviolabilidade das fronteiras. Este é um princípio fundamental da segurança europeia e mundial, e que está directamente relacionado com a Acta Final de Helsínquia, que afirma que não pode haver nenhuma mudança das fronteiras da Europa pelo uso da força, e que qualquer alteração de fronteiras tem de ser feita mediante negociações.

Assim, a mudança de fronteiras pela força imposta durante a invasão militar da Geórgia, seguida do reconhecimento da independência da Abcásia e da Ossétia do Sul,

A MUDANÇA DE FRONTEIRAS PELA FORÇA, IMPOSTA DURANTE A INVASÃO MILITAR DA GEÓRGIA, É UM DESAFIO REAL À SEGURANÇA INTERNACIONAL.

é um desafio real à segurança internacional. O reconhecimento de independência representa uma alteração de fronteiras, e demonstra que a ocupação e a invasão foram uma infracção do princípio da intangibilidade das fronteiras. Se este prece-

dente for criado e se as fronteiras da Geórgia puderem ser alteradas pelo uso da força quem será a próxima vítima?

Outro ponto fundamental que está em jogo é o dos direitos humanos. O que aconteceu na Ossétia do Sul evidenciou e confirmou factos de limpeza étnica contra aldeias e populações georgianas da Ossétia do Sul. Esses actos foram sobretudo praticados pelas milícias separatistas, por vezes em conjunto com as tropas russas. Mas o facto de não terem sido praticados por tropas regulares russas não retira responsabilidade à Rússia uma vez que a força ocupante tem o dever de manter a lei e a ordem e de proteger as vidas e os direitos humanos do território ocupado.

As acções da Rússia na Geórgia contradizem ainda uma série de resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas, que explicitamente reconhecem a integridade territorial da Geórgia, incluindo a Resolução 1080, aprovada a 20 de Abril de 2008, com o consentimento da Rússia¹⁸. O reconhecimento da Abcásia e da Ossétia do Sul pode ter também consequências imprevistas para o Cáucaso do Norte russo. A Rússia incentivou o separatismo na Geórgia mas esmagou-o brutalmente na Tchetchénia. De momento, a Tchetchénia pode estar demasiado exausta para travar outra guerra com a Rússia, mas a questão da independência pode surgir de novo.

A Rússia não está a conseguir cumprir os seus objectivos. A jovem democracia georgiana continua de pé e está a receber apoio internacional. A invasão resultou na alienação da população georgiana face à Rússia. A Geórgia foi forçada a deixar a Comunidade dos

Estados Independentes (CEI), a última estrutura pós-soviética a que estava associada, e foram suspensas as relações diplomáticas com a Rússia.

A soberania é o conceito-chave do sistema internacional, que exige o não uso da força e o respeito pela integridade territorial. Este conceito tem estado no cerne do sistema internacional em evolução desde a Paz de Vestefália em 1648. No entanto, o reconhecimento de entidades separatistas na Geórgia como estados independentes é, inequivocamente, um desafio aos princípios de Vestefália e pode ser um prelúdio para a sua incorporação, na Federação Russa, o que, por seu turno, pode estabelecer um precedente bastante perigoso no moderno sistema internacional.

CONCLUSÃO

A Rússia pode ter cometido um erro. A «independência» da Abcásia e da Ossétia do Sul não será reconhecida por nenhum outro Estado além da Rússia e, possivelmente, dois ou três regimes ditatoriais marginais. As populações da Abcásia e da Ossétia do Sul ficam condenadas a uma vida miserável sem um estatuto internacional reconhecido, para depois terem de regressar às negociações sobre a reunificação com a Geórgia, como sucedeu com a República Turca de Chipre do Norte, que só foi reconhecida pela Turquia.

Os líderes russos mostraram que não respeitam o direito internacional, incluindo as suas próprias obrigações, em particular a Resolução 1808 do Conselho de Segurança aprovada a 15 de Abril de 2008, na qual a Rússia confirmou uma vez mais o reconhecimento da integridade territorial da Geórgia. As referências à guerra no Iraque ou ao reconhecimento do Kosovo pelo Ocidente são apenas um pretexto para levar a cabo uma política externa antiocidental. A Rússia quis imitar a campanha militar da NATO para parar a sistemática limpeza étnica dos albaneses no Kosovo com a sua própria campanha, baseada em acusações de atrocidades cometidas por forças georgianas que agora se revelam sem fundamento.

A agressão militar causou uma deterioração das posições internacionais da Rússia cuja imagem como «garante da paz» e como mediador perdeu qualquer credibilidade. Como disse Joseph Nye, «ao humilhar os georgianos, eles [os russos] suscitaram medos generalizados e foram incapazes de gerar apoio diplomático»¹⁹.

Depois da aventura militar na Geórgia, a liderança russa quer convencer o mundo que derrotou não só a Geórgia mas também os Estados Unidos e o Ocidente e usa o pretexto da política americana como uma ameaça para justificar as suas acções na Geórgia, como no caso da invasão soviética da Checoslováquia e da Hungria durante a Guerra Fria. A Rússia tem de decidir como quer definir a sua relação futura com a comunidade internacional. As tentativas da Rússia para citar o Kosovo como um precedente para as suas acções militares na Geórgia são tão enganadoras como infundadas.

A tentativa da Rússia para instalar um governo pró-russo em Tbilissi não resultou e a liderança russa deve entender que houve uma mudança geracional e mental na sociedade

georgiana ao longo dos últimos quinze anos. Os estereótipos soviéticos dos georgianos, muito enraizados por populares filmes soviéticos como *Mínimo*, não são aplicáveis à Geórgia actual. Ao contrário de outras antigas repúblicas soviéticas, a sociedade georgiana não é dominada pela «nomenclatura soviética», que tenderia a ser pró-russa. Pelo contrário, este sector da sociedade georgiana foi marginalizado há muito tempo e não tem qualquer papel na vida política da Geórgia.

A moderna elite da Geórgia é constituída por pessoas educadas no Ocidente que não encontram nada de bom nas políticas da Rússia em relação à Geórgia e consideram o imperialismo russo como uma ameaça directa à segurança nacional. A maioria cresceu com sentimentos anti-russos e olha para o confronto russo-georgiano em termos ideológicos, como uma Rússia autoritária e imperial contra uma Geórgia democrática e pró-Ocidente. Nestas circunstâncias, é contraproducente a esperança do Kremlin numa

O KREMLIN NÃO TEM CONDIÇÕES POLÍTICAS
PARA GANHAR A «BATALHA IDEOLÓGICA»
NA GEÓRGIA.

«mudança de regime», colocando um líder mais afecto a Moscovo na Geórgia. Não existem forças políticas que possam sustentar uma reorientação geopolítica em direcção à Rússia, uma vez que isso seria

visto como uma traição dos interesses «vitais» do país. Ao invés de outras repúblicas pós-soviéticas, onde a Rússia goza de grande apoio por parte da antiga «nomenclatura», o Kremlin não tem condições políticas para ganhar a «batalha ideológica» na Geórgia. Entretanto, a comunidade internacional deve compreender que esta guerra não é sobre a Ossétia do Sul, a Abcásia ou a Geórgia. Vai mais longe e mais fundo do que as questões imediatas em torno da integridade territorial da Geórgia e da sua autonomia política. A crise da Geórgia é, de facto, uma nova e dramática manifestação das tendências de longo prazo, sublinhando a erosão da democracia e da influência do Ocidente no espaço pós-comunista. Deve também salientar-se que, pela primeira vez desde o colapso da União Soviética, a Rússia demonstrou ser capaz e estar disposta a usar a força fora das suas fronteiras o que deixou os estados vizinhos confrontados com uma ameaça à sua segurança.

A outra questão fundamental que está em jogo é o próprio conceito de segurança. A maior lição que a Europa aprendeu durante e depois da II Guerra Mundial foi a de que a segurança é indivisível. E a única forma de garantir a segurança é garantir a segurança de todos os estados, incluindo os estados pequenos. Os velhos conceitos de esferas de influência e de zonas e estados tampão apenas geram instabilidade e encorajam os estados agressores a irem mais longe.

Ao recorrer aos conceitos de esferas de influência e zonas tampão a Rússia está, na realidade, a desafiar os fundamentos da segurança europeia e da sua indivisibilidade. Resta saber de que forma os europeus irão lidar com esta abordagem.

Esse desafio não envolve apenas a Geórgia, que foi uma vítima imediata do que aconteceu, mas toda a comunidade internacional. Se não houver uma resposta à altura, a Geórgia

terá sido apenas o primeiro degrau neste processo e outros países podem seguir-se. O preço que amanhã se pagará será muito maior que o preço a pagar hoje. **RJ**

■ TRADUÇÃO: HELENA FERREIRA SANTOS LOPES

NOTAS

- 1 «Georgia files case against Russia». In *BBC News* [Consultado em: 26 de Março de 2007]. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/6497459.stm>.
- 2 «Georgian dies in Moscow pending court ruling on deportation case». In *Civil Georgia*, 4 de Dezembro de 2006. Disponível em: <http://www.civil.ge/eng/article.php?id=14232&search=deportation>.
- 3 CORNEL, S., POPJANEVSKI, J., NILLSON, N. – «Russia's war in Georgia: causes and implications for Georgia and world», 2008, p. 11. Disponível em: <http://www.silkroadstudies.org/new/docs/silkroadpapers/0808Georgia-PP.pdf>.
- 4 ILARIONOV, A. – «Russia prepared war with Georgia». Conferência proferida no Katon Institute Summer School. Ukraine. Disponível em: http://georgiandaily.com/index.php?option=com_content&task=view&id=8209&Itemid=65.
- 5 FRIEDMAN, T. – «The Russo-Georgian war and the balance of power», *Stratfor analysis*, 12 de Agosto de 2008. Disponível em: http://www.stratfor.com/weekly/russo-georgian_war_and_balance_power.
- 6 «South Ossetia is not Kosovo». In *The Economist* [Consultado em: 28 de Agosto de 2008]. Disponível em: http://www.economist.com/opinion/displaystory.cfm?story_id=12009678.
- 7 ZURABISVILI, S. – «Moscow's possible motives in recognizing Abkhazia, South Ossetia». In *RFL*, 24 de Setembro de 2008.
- 8 OLIKER, O. – «Kosovo and South Ossetia more different than similar». Disponível em: <http://www.rand.org/commentary/2008/08/25/RFERL.html>.
- 9 THE WALL STREET JOURNAL – «What the Russians left in their wake in Georgia». [Consultado em: 24 de Setembro de 2008]. Disponível em: <http://online.wsj.com/article/SB122220864672268787.html#articleTabs=article>.
- 10 OXFORD ANALYTICA – «Georgia: war costs includes not just physical damage». [Consultado em: 10 de Setembro de 2008]. Disponível em: <http://www.oxan.com/display.aspx?StoryDate=20080910&ProductCode=CISDB&StoryNumber=2&StoryType=DB>.
- 11 PHILIPS, David – «Post conflict Georgia», Setembro de 2008. Disponível em: <http://www.acus.org/publication/post-conflict-georgia>.
- 12 «Medvedev promises Georgia enclaves protection». In *The New York Times*, 10 de Setembro de 2008.
- 13 «Ruble allowed some weakness». In *Kommersant*, 8 de Setembro de 2008.
- 14 KRASTEVA, I. – *Russia and the Georgia war: the great-power trap*. Open Democracy. p. 314.
- 15 CORNELL, S. E. – *War in Georgia, Jitters All Around*. Current History. Outubro de 2008. p. 314.
- 16 «PACE calls for independent international investigation into the war between Georgia and Russia». <http://assembly.coe.int/ASP/Press/StopPressView.asp?ID=2085>.
- 17 *Ibidem*, p. 314.
- 18 «United Nations Security Council, Resolution 1808 [2008]», http://www.unomig.org/data/file/973/080415_SC_resolution_eng.pdf.
- 19 «Russia's Use of Kosovo Analogy for Georgia False. The United States Mission to the European Union», <http://useu.usmission.gov/Article.asp?ID=02C7FBF6-0AA9-471B-9126-17F13B15B>.